

# OS MODOS E AS MODAS NAS CONSTRUÇÕES IMAGÉTICAS DAS CIDADES <sup>1</sup>

MÁRCIA COUTO MELLO e VIRGINIA SABACK

## RESUMO

Este estudo é parte integrante de uma pesquisa que está sendo desenvolvida, de forma transdisciplinar, nas áreas de Arquitetura, Urbanismo e Moda, tese de doutoramento, intitulada: “*As interferências entre a Arquitetura, o Urbanismo e a Moda na definição de uma estética para o século XXI*”. A abordagem, que versa sobre uma análise do papel, dos modos e das modas, nas construções imagéticas das cidades, tem por objetivo confirmar o argumento de que o comportamento e a apresentação física do indivíduo citadino, seja intencional ou casual, são elementos de composição essenciais à concepção de imagens para os centros urbanos, exibindo harmonia, quando inseridos às suas *skylines*, ou representando-os iconograficamente.

**PALAVRAS-CHAVE:** moda; imagem urbana.

---

Ainda em andamento, este estudo é parte integrante de uma pesquisa que servirá de base à tese de doutorado, intitulada “*As interferências entre a Arquitetura, o Urbanismo e a Moda na definição de uma estética para o século XXI*”, a ser defendida no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo / Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (PPGAU/FA-UFBA). Trata-se de um trabalho transdisciplinar, abrangendo as áreas de Arquitetura, Urbanismo e Moda, o qual conta com a participação da Universidade Salvador (UNIFACS), através do Grupo de Estudos e Pesquisas Arquivemória, e também com a participação de alunos dos cursos das áreas afins, bolsistas de Iniciação Científica, tendo o

---

<sup>1</sup> . **Márcia M. Couto Mello** – Doutoranda e Mestre em Arquitetura Urbanismo, com área de concentração em Conservação e Restauro (PPGAU/ FA-UFBA). Coordenadora e professora pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas – Arquivemória (vinculado ao NEPAUR e ao PPDRU da Universidade Salvador – UNIFACS). Integrante do grupo de pesquisa História da Cidade (UFBA / CNPq). Professora da UNIFACS nos cursos de Design e Gestão de Moda (História da Moda e Estética), e Arquitetura e Urbanismo (Estética e História da Arte).

. **Virginia M. Saback E. Guimarães** – Coordenadora do Curso de Graduação Tecnológica de Design e Gestão de Moda, é professora das disciplinas: Pesquisa de Moda; Desenvolvimento de Produto e Planejamento de Coleção, na Universidade Salvador (UNIFACS), onde também integra o Grupo de Estudos e Pesquisas – Arquivemória (vinculado ao NEPAUR e ao PPDRU da Universidade Salvador – UNIFACS). Presta serviços de consultoria na área de gestão e design de moda para o SENAI, o SEBRAE e empresas privadas.

apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

A abordagem proposta tem por objetivo confirmar o argumento de que tanto os modos de viver, explícitos através do comportamento social, quanto as modas adotadas, ambos percebidos na aparência dos indivíduos que transitam nas cidades, sejam intencionais ou casuais, são elementos de composição essenciais à concepção de imagens para os centros urbanos. Portanto, a pesquisa versa sobre uma análise da interferência dos modos e das modas nas construções imagéticas das cidades, seja nas suas projeções em *skylines*<sup>2</sup>, seja nas suas representações iconográficas.

Perceber e sentir, visando conceber o imaginário ou materializar imagens dos espaços ocupados por pessoas e por coisas, são pontos indispensáveis para entender as construções das imagens urbanas, considerando-se o potencial que trazem agregado à própria imageabilidade. Segundo Ferrara (2000, p. 11), a percepção da imagem da cidade é um elemento indispensável à produção da identidade e compreensão dos significados urbanos.

A leitura de um espaço urbano pode ser feita a partir do conjunto representado nas imagens das coisas que estão compondo a paisagem. Intencionalmente construídas ou não, essas imagens precisam ser analisadas e interpretadas de forma ampla e múltipla, levando-se sempre em consideração a inter-relação histórica, iconológica e contextual que as justifique, pois o que interessa para a interpretação da paisagem urbana vai estar além da condição formal (Mello, 2004, p. 45-9). Enquanto Pesavento (1999, p. 16) argumenta que a imagem da cidade é a própria identificação do espaço urbano, compreendido como um todo na sua materialidade imagética, para Lynch (1999, p. 9), a imagem ambiental da cidade pode ser decomposta em: identidade<sup>3</sup>, estrutura e significado.

Tais afirmações reforçam a hipótese de que as imagens das cidades representam o conjunto dos elementos contidos nos seus objetos que se acumulam no *percepto* e que podem ser apreendidos pelas suas qualidades estéticas: os cheiros, os sabores, as texturas, os sons, as sensações visuais provocadas pelas cores, pelas formas, pela luminosidade, pelos movimentos

---

<sup>2</sup> No âmbito do urbanismo, chama-se de '*skyline*' uma linha no horizonte construída por atributos naturais contidos na paisagem urbana ou monumentos edificadas. A '*skyline*' de uma cidade é determinada pela imagem de uma silhueta em forma de contorno, que seja capaz de identificá-la iconograficamente. Uma '*skyline*' é eleita pela sua capacidade de comunicar, pelo seu poder de seduzir o espectador. A expressão *skyline* urbana só é indicada para fazer referências a construções surgidas recentemente, não antes de 1876, e, principalmente a partir de 1890 (Kostrof, 1991, p.319-320-279).

<sup>3</sup> Vale a ressalva de que 'identidade', não é usada pelo autor no sentido de 'igualdade', mas com o significado de individualidade ou unicidade (Lynch, 1999, p.9).

etc. Assim como as obras de arte, os elementos de composição imagética das cidades têm o poder de evocar sentidos, vivências e valores das pessoas que nelas habitam e transitam.

Contudo, em *A Imagem da Cidade*, uma das obras mais relevantes sobre a análise das imagens urbanas, Kevin Lynch observa que, em 1960, “[...] a imagem da skyline da silhueta de Manhattan pode ser um símbolo de vitalidade, poder, decadência, mistério, congestionamento, grandiosidade ou o que mais se queira” (1999, p. 10). Porém, as imagens das cidades são mutantes, e, hoje, quase meio século depois, a imagem negativa de megalópole decadente se desconfigurou. Pode-se fazer uma leitura diferente da imagem da ilha, através dos modos de viver, percebidos na sua imagem construída, os quais representam organização, civilização, poder, requinte e elegância.

Ao paradigmaticamente a imagem da cidade de Nova Iorque, através dos símbolos encontrados em Manhattan, entende-se que aquela cidade também pode estar imageticamente representada, se focada através da aglomeração dos seus habitantes heterogêneos – verdadeiros nômades urbanos, que se confundem entre imigrantes de todos os continentes, patinadores, turistas, etc – , ou mesmo em algumas zonas específicas, onde predominam modos e modas de expressivo potencial representativo e iconográfico, como Wall Street, naturalmente vinculada à imagem do indivíduo *yuppie*, em cenários de arquitetura empresarial, ou, China Town, com a maior parte dos transeuntes e paisagens esboçando um formato caracteristicamente asiático.

Esses aspectos, oriundos dos modos cosmopolitas novaiorquinos e das suas modas reflexivas, compõem a paisagem dessa cidade que tem como referência arquitetônica as suas torres imponentes, cravadas em avenidas largas, determinadas por traçados ortogonais e freqüentadas por habitantes heterogêneos que, ao mesmo tempo em que co-habitam espacialmente, preservam a subjetividade do individualismo contemporâneo. Considera-se que as pessoas não ilustram os cenários das cidades, elas os compõem.

Apesar de Lynch (1999) admitir a inter-relação dos elementos construtivos da imagem urbana, não comenta sobre a possibilidade de se construir imagens para as cidades, a partir das modas que lhes sejam características, ou dos modos habituais próprios aos seus habitantes, entretanto, parece não se opor a tal possibilidade, ao expor como característica de “*legibilidade ou visibilidade*” (p.11) a construção de imagens das cidades através das suas cores, traços e formas, gerando a possibilidade de uma leitura visual pela sua representatividade, por criarem imagens mentais claramente identificadas por outros sentidos, além da visão, os quais, segundo o referido autor, deixam transparecer aspectos da sua historicidade, da sua cultura e dos seus

modismos: “*Os elementos móveis de uma cidade e, em especial, as pessoas e suas atividades são tão importantes quanto as partes físicas estacionárias. Não somos meros observadores desse espetáculo, mas parte dele*” (p. 3).

Contudo, deve-se considerar que as cidades, enquanto ‘organismos vivos’<sup>4</sup>, têm suas imagens construídas em estado de constante devenir e seus espaços devem ser compreendidos como um todo segmentado, sendo esses objetos de representação a interface entre indivíduo e o meio urbano. O sujeito é compreendido como agente coletivo desse cenário mutante, afinal, como registrou Lynch, as cidades não são construídas para o uso de uma só pessoa, mas para possibilitar uma convivência entre muitas delas (1999, p. 123).

A circulação dos indivíduos que exibem suas modas e dos seus modos nos espaços urbanos é um dos mais expressivos elementos construtores de imagens para as cidades. Cenários urbanos podem ter suas imagens personalizadas ou modificadas de acordo com a aparência dos seus transeuntes, a exemplo das zonas freqüentadas por um público específico: artistas, intelectuais, desportistas, familiares, etc. Outros espaços também podem ser percebidos através de um foco sobre o trânsito de multidões, o que poderia sugerir se tratassem de grandes centros – capitalistas, industriais, pólos turísticos, etc. Entretanto, vale comentar que são inúmeros os estudos que versam sobre as questões correlacionadas à interpretação das multidões e muitos dos conceitos formados precisam ser revistos, à proporção que o consumo da moda se democratiza, devido à super-produção com baixos custos. Conforme explica Ferrara (2000, p.81), Honoré de Balzac, Edgard Allan Poe, Victor Hugo, Paul Valéry e Charles Baudelaire sugerem que as personagens criadas que se acotovelam na multidão, transformam-se em um prolongamento ou extensão delas mesmas: personagens e multidão, uma só unidade. Para Walter Benjamin, “*a multidão impõe a apreensão do coletivo e suas reações*”. Ao criar a “*alegoria do flâneur*”, Benjamin defende que o andarilho urbano “*se transformou no próprio ícone da cidade moderna e de sua multidão de expressão coletiva*” (apud Ferrara, 2000, pp. 81-6).

Em situação antagonica, através da produção artística caracterizada por ‘imagens vazias’<sup>5</sup> do pintor realista americano, Edward Hopper, observam-se os modos de convivência nos

---

<sup>4</sup> Esta colocação da cidade como um ‘organismo vivo’ deve-se à poética romântica goetheana, responsável por haver instituído uma linguagem naturalista, até hoje aplicada, a qual passou a definir as formas urbanas como orgânicas (‘coração da cidade’, ‘artérias’, ‘centro nervoso’, etc. (Mello, 2004, p. 36).

<sup>5</sup> ‘Imagens vazias’ é uma denominação dada às iconografias que apresentam a ausência de pessoas nos cenários urbanos (Mello, 2004, p. 115).

estados americanos, durante o período da Grande Depressão. São imagens caracterizadas pela solidão e pela melancolia dos indivíduos urbanos, isolados e noctívagos, que se dividiam entre os serões e os cafés desertos. Essa potencialidade artística para descrever cidades, através da aparência do indivíduo e do seu comportamento social, construiu imagens de cidades através das modas e dos modos, possibilitando, inclusive, uma construção imagética do Brasil oitocentista, ao iconografarem as figuras pitorescas e exóticas, reais e virtuais, a partir das imagens fantasiosas, engendradas pelos negros africanos e pelos índios nativos, a exemplo das ilustrações de artistas, como o expedicionário Jean Baptiste-Debret (*Caderno de Viagem*, publicado em 1831), ou das representações gráficas que foram encomendadas ao pintor modernista Cândido Portinari para ilustrar coleções que mostravam o Brasil pré-colonial (Mello, 2004, p. 63-6).

Observa-se, portanto, que a proposta de suscitar uma identificação através de uma construção imagética dos espaços de convívio coletivo, instituídos pelos indivíduos que o freqüentam, através das modas e dos modos, ocorre desde sempre. De acordo com Quinn (2003, p. 95), as cidades têm renascido, a partir de uma reformatação urbanística, o que possibilita refletir mudanças sociais, essenciais às suas comunidades. Vive-se um momento em que urbanistas e arquitetos, preocupados com a egressão, buscam promover uma relação menos atritante entre o território urbano e seus transeuntes. Buscam seduzir habitantes e turistas, oferecendo elementos de conforto nas áreas de maior evidência dos grandes centros urbanizados: climatização de grandes espaços; estética; segurança, higiene, serviços e equipamentos urbanos; controle da poluição atmosférica e sonora; ausência de congestionamentos e mendigação; etc.<sup>6</sup> O autor adverte que a arquitetura, isoladamente, não pode construir esse ideal de urbanização e afirma que a moda tem criado atalhos para encontrar soluções para a adaptação ao meio, do atual indivíduo: o ‘nômade urbano’.

O nomadismo é uma condição imposta pela sociedade contemporânea, devido ao ritmo frenético que assumiu a comunicabilidade global. Surgiu um novo comportamento, baseado nas condições efêmeras de ser e de estar. A comunicação e a facilidade de deslocamento dentro das megalópoles organizadas, ou até entre lugares distantes, criou indivíduos com características nômades. Segundo Quinn (2003, p. 97), as pessoas modernas “*habitam o próprio corpo*”. Utilizam uma dinâmica de equipamentos multi-funcionais, guiada por uma

---

<sup>6</sup> Assim como as medidas que foram tomadas pela prefeitura de Nova Iorque, que reinventaram Manhattan, na década de 80.

nova estética, para atender à própria existência itinerante. Estruturalmente, concebem objetos entre a arquitetura ambiental e as necessidades imediatas de vestir.

Explorando essa condição de interfacear, alguns produtos conceituais utilizam a moda como veículo de manifestos e, atualmente, criticam agressões ambientais e desastres atmosféricos, a exemplo do *designer* japonês Kosuke Tsumura, que criou um agasalho representando um *kit* de sobrevivência do indivíduo no ambiente urbano, intitulado *Final Home* (1994), com mais de quarenta bolsos, cheios de papel, que podem ser esvaziados em caso de emergência. O *designer* deixa claro que o corpo precisa de abrigo (Fukai, 2003, p. 706; Quinn, 2003, pp. 100-4). Ainda como veículo de comunicação e protesto para os integrantes dos movimentos sócio-culturais urbanos, a moda, como expressão individual e tribal, torna-se indispensável nessa composição imagética das cidades.

A unimutiplicidade icônica pertinente às imagens construídas dos cenários urbanos tem significados a partir das informações que são passadas por cada um dos seus elementos isolados e pelo conjunto da sua composição, entretanto a condição fenomenológica comum às modas e aos modos, às cidades e ao universo imagético, impede que a *skyline* das cidades seja determinada a partir das suas formas, assegura-lhes uma propriedade que transcende ao que pode ser materialmente visível e desafia o observador a percebê-la na sua dimensão imaterial, de efeito pluralista e mutante.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FERRARA, Lucrecia D'Alessio. *Os significados urbanos*. São Paulo: Edusp, 2000.
- FUKAI, Akiko; SUOH, Tamami; IWAGAMI, Miki; KOGA, Reiko; NIE, Rii. *La moda: storia dal XVIII al XX secolo*. Köln: Taschen, 2003.
- KOSTOF, Spiro. *The city shaped – urban patterns and meanings through history*. London, Thames and Hudson, 1991.
- LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MELLO, Márcia M. Couto. *Salvador Multimagética: a imagem do Bairro do Comércio construída através dos cartões-postais (1890-1950)*. Salvador: PPGAU/FA-UFBA, 2004.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade – visões literárias do urbano: Paris, Rio de Janeiro; Porto Alegre*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.
- QUINN, Bradley. *The fashion of the architecture*. Berg: Oxford, 2003.